



ARTIGOS

***ROTINAS SIGNIFICATIVAS E PRÁTICAS DISCURSIVAS:
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM CENTRO
DE CONVIVÊNCIA DE AFÁSICOS***

*Edwiges Maria Morato**

Introdução

O trabalho que desenvolvemos no Centro de Convivência de Afásicos (CCA) em conjunto com outros pesquisadores e terapeutas recobre vários interesses teórico-clínicos e obedece a uma determinada estrutura de funcionamento para se caracterizar como um acompanhamento longitudinal em grupo de sujeitos cérebro-lesados reunidos em virtude de seus problemas neuropsicológicos e neurolingüísticos. Este texto, cuja primeira versão foi apresentada num simpósio do IV Congresso latino-americano de Neuropsicologia (Colômbia, 1995), tem por objetivo descrever lingüístico-discursivamente o trabalho que realizamos junto ao CCA e explicitar a maneira pela qual procuramos ajudar o sujeito a superar ou

* Departamento de Lingüística/IEL, Unicamp.

enfrentar suas dificuldades afásicas ou o impacto da afasia em sua completa vida social.

O Centro de Convivência de Afásicos: um breve histórico e modo de funcionamento

O CCA, que tem sido coordenado por mim e por Maria Irma Hadler Coudry, funciona nas dependências do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e integra as atividades da Unidade de Neuropsicologia e Neurolingüística (UNNE), da qual fazem parte o Departamento de Neurologia e o Departamento de Linguística. Do ponto de vista teórico, metodológico e clínico, o CCA recobre a proposta de acompanhamento longitudinal de sujeitos cérebro-lesados desenvolvida na UNNE e na área de Neurolingüística da Unicamp, cujo ponto central é a exibição dos sujeitos ao *exercício da linguagem em diversas situações e práticas discursivas*.

Assim, o objetivo do trabalho realizado no CCA é tripartite: *pesquisa, docência e assistência*. O CCA tem funcionado, vale ressaltar, como um verdadeiro laboratório de dados e conceitos que tem servido à *docência* (cursos de graduação, pós e extensão, orientação de teses, estágio teórico-clínico) e às atividades de *pesquisa* (individuais e integradas), importantes para o desenvolvimento e consolidação da área de Neurolingüística da Unicamp.

O CCA tem como eixo central – na condução de sua dinâmica de funcionamento – o exercício efetivo de diferentes trabalhos realizados pelos sujeitos com e sobre a linguagem, em diversas situações discursivas, em diversas rotinas significativas e produções textuais (diálogos, narrativas, comentários, etc.). Dele participam pacientes e pesquisadores, evocando situações e experiências comunicativas/discursivas cujas contingências são histórico-culturais e dependentes de diferentes fatores de significação (de ordem pragmática, cognitiva, psíquica, social). Instabilizado pela lesão cerebral, o trabalho lingüístico-discursivo (tanto interpretativo quanto expressivo) requerido nas diferentes práticas humanas é a base das atividades desenvolvidas no CCA. Dessa maneira, nosso objetivo tem sido tanto dar maior visibilidade às dificuldades que os sujeitos apresentam e as tentativas de superá-las, quanto considerar os processos alternativos de significa-

ção (lingüísticos, pragmáticos, cognitivos) de que podem lançar mão para significar e comunicar no mundo.

Os sujeitos que acompanhamos no CCA passam por uma avaliação neurológica e outros exames clínico-ambulatoriais no Hospital de Clínicas da Unicamp. Passam também por avaliação neuropsicológica e neurolingüística na UNNE (e, eventualmente, por outros tipos de avaliação, como a fisioterápica, a audiológica, etc.). São, a seguir, encaminhados ao acompanhamento terapêutico individual necessário (fonoaudiologia, fisioterapia, psicologia) e ao CCA.

As sessões do CCA são semanais, com duração de duas horas. Na primeira hora, desenvolvemos um trabalho lingüístico-discursivo em torno da agenda pessoal dos participantes, do noticiário geral e de atividades mais dirigidas, após o que fazemos um intervalo na cantina. A segunda hora é dedicada ao trabalho de expressão teatral, pelo qual procuramos levar em conta, por meio de atividades que envolvem pantomima e improvisações (verbais e não verbais), a percepção de possibilidades significativas e expressivas que se abrem a partir da interação linguagem-gestualidade. Pelos resultados que os programas (de linguagem e de expressão teatral) desenvolvidos no CCA têm trazido aos sujeitos e seus familiares, temos procurado encaminhar a ele grande parte dos pacientes da UNNE, o que implicou a formação de um segundo grupo.

Atualmente, pois, o CCA constitui-se de dois grupos (I e II). Do primeiro – que funciona desde 1989 – participam quatorze pacientes e dez pesquisadores; do segundo, que funciona desde setembro de 1996, participam seis pacientes e quatro pesquisadores.

Em relação a todos os sujeitos que acompanhamos, procedemos a um diagnóstico conjunto: Benito Pereira Damasceno é o responsável pelo diagnóstico neurológico e neuropsicológico; eu e Maria Irma Hadler Coudry pela avaliação neurolingüística e orientação da conduta clínico-terapêutica.

Práticas discursivas e processos de significação

Como resultado da articulação epistemológica que procuramos estabelecer entre o modo de funcionamento da linguagem e o modo de funcionamento da cognição, explicitada em uma abordagem que temos chamado *discursivo-prag-*

mática, os processos de significação reunidos em torno das diversas condutas simbólicas surgem como o fulcro da inter-relação linguagem-cognição. Isso implica que os processos cognitivos não são considerados comportamentos previsíveis e apriorísticos, ou seja, estão, como a linguagem, na dependência de práticas significativas, fundamentadas por contingências socioculturais, por propriedades do inconsciente e pela qualidade das interações humanas. É, pois, a questão do sentido, bem como a do papel mediador (organizador, estruturante) tributário da linguagem o que tem nos interessado destacar, tanto no trabalho clínico-terapêutico quanto no de pesquisa.

Nas atividades propostas ao CCA, temos procurado contemplar e problematizar os fundamentos teóricos que nos orientam. Tais atividades se pautam, sobretudo, pela reconstrução de diferentes operações discursivas, isto é, das “atividades praticadas pelos sujeitos em seu trabalho lingüístico” (cf. Geraldí, 1991, p. 228): em seu trabalho *com* e *sobre* a linguagem. Tais atividades, chamadas *lingüística*, *metalingüística* e *epilingüística* (op. cit.), ainda que indissociáveis no processo verbal, explicitam níveis de reflexão distintos sobre a linguagem, seu funcionamento e sua relação com os outros processos cognitivos (como a memória, a percepção, etc.). Sujeitos cérebro-lesados, por inúmeras razões, geralmente prescindem da adequada manipulação desse trabalho lingüístico que coloca em relação a *linguagem*, um certo *saber pragmático* que preside as condutas simbólicas humanas (em parte lingüístico, em parte cognitivo) e seu *exterior discursivo* (o mundo de referências culturais no qual somos/estamos inscritos).

Essa perspectiva teórica, para que possa ser aplicada ao contexto patológico, faz com que nos orientemos por *três pontos de partida*: um que considera a *significação* o ponto de vista fundamental sobre a linguagem (cf. Benveniste, 1974), outro que leva em conta o pressuposto de que a *interação* constitui a realidade da linguagem (cf. Vion, 1992), e outro que considera o *dialogismo* (cf. Bakhtin, [1929]1981) o fenômeno lingüístico por excelência.

Na prática, isso faz com que nos voltemos para variadas formas e posições enunciativas dos sujeitos, sua capacidade pragmática de reconhecer seus interlocutores e suas propostas discursivas, suas possibilidades de manipular diferentes universos discursivos.

As dimensões interlocutiva, meta-enunciativa e discursiva

Neste texto, tentaremos resumir em três as dimensões das ações com e sobre a linguagem que atuam na relação do sistema lingüístico (a língua) com o exterior discursivo. Tais atividades discursivas referem-se à dimensão *interlocutiva*, à dimensão *meta-enunciativa* e à dimensão *discursiva*. Assim caracterizadas, essas dimensões reportam-se tanto aos processos lingüísticos quanto aos cognitivos envolvidos nas ações simbólicas humanas.

Articuladas entre si nas práticas comunicativas, essas três dimensões mobilizam-se em torno de diferentes funções da linguagem e de processos cognitivos relacionados de alguma maneira a elas, e de alguma maneira responsáveis pela sua reorganização. São elas, resumidamente:

1. *Dimensão interlocutiva*: voltada para a intersubjetividade, para a dinâmica de papéis e posições assumidas pelos diferentes locutores ou enunciadorees em diferentes situações discursivas propostas ao CCA. Levando em conta a diversidade das configurações textuais (relatos, diálogos, comentários, recontagem, instruções, etc.), refere-se, basicamente, a tarefas de reformulação, modalização e fortalecimento de quadros interativos e esquemas de trocas verbais, favorece a diminuição de tensões emocionais e a partilha de experiências, evoca experiências sociais positivas, valoriza o interesse de um pelo outro e impede o isolamento social, além de encorajar a necessidade de outras formas de comunicação ou possibilidades de significação que não apenas a verbal.

São exemplos da dimensão interlocutiva o trabalho regular e sistemático com a agenda pessoal de anotações do sujeito (seus compromissos, viagens, visitas ou passeios, comentários de qualquer ordem, receitas de bolo, datas importantes, etc.) e a montagem conjunta de um painel com informações e acontecimentos veiculados na mídia nacional durante a semana e comentados e debatidos por todos (sempre no início das sessões).

2. *Dimensão meta-enunciativa*: voltada para a heterogeneidade das instâncias enunciativas, para a reconstrução de relações interpessoais e centrada na relevância da presença e do papel do interlocutor. Relacionada basicamente com

a (re)elaboração do trabalho meta-enunciativo, necessário para a inscrição nas noções e nos enunciados pré-construídos (isto é, o conjunto de elementos produzidos em outros discursos e enunciações preexistentes e reconhecíveis em nossa memória discursiva comum, cf. Maingueneau, 1991), com a manipulação meta-lingüística do próprio dizer e do dizer do interlocutor e com a intercompreensão, atua em especial nas atividades de explicitação (comentários, paráfrases, relatos, pressupostos interpretativos, discursos procedurais, etc.) e nas de reformulação.

São exemplos da dimensão meta-enunciativa todo tipo de trabalho de inscrição nos enunciados e enunciações pré-construídas e de elaboração lingüístico-discursiva do conhecimento de mundo: discursos indiretos, enunciações proverbiais, interpretação de piadas e de sentidos implicados ou metafóricos gerais, atividades inferenciais (verbais ou não), improvisações (verbais ou não), atividades envolvendo solução de problemas (verbais ou não), comentários do sujeito sobre seu desempenho e o dos outros, bem como sobre as atividades desenvolvidas no dia.

3. *Dimensão discursiva*: voltada para a articulação do sistema lingüístico e do discurso, isto é, para a reorganização da interpretação e manipulação dos vários universos discursivos por meio dos quais agimos no mundo. Relacionada com o reconhecimento e a reelaboração do tecido discursivo, está centrada basicamente no trabalho lingüístico de manipulação da interdiscursividade e em novas formas de referir e interpretar as coisas do mundo (em especial, a consideração de *frames* culturais e do caráter polifônico da relação da língua com o discurso).

São exemplos da dimensão discursiva todo o tipo de atividade que se confronte direta ou indiretamente com a polissemia existente entre a língua e o (inter)discurso, e que envolva diferentes eventos sociais: comemorações, saras musicais e reuniões com familiares, introdução de um novo elemento no grupo, sessão de cinema, intervalo para tomar café, visitas, etc..

Comentários finais

Levando em conta que o pretendido em nosso trabalho junto ao CCA é a recuperação da inteira capacidade discursiva dos sujeitos cérebro-lesados, im-

porta muito o fato de não imprimirmos a ele um caráter de grupoterapia tradicional, isto é, de um trabalho terapêutico voltado basicamente para (determinadas) habilidades metalingüísticas e metacognitivas que visam a recuperação ou a compensação de funções cognitivas alteradas pela patologia cerebral.

Ao contrário das grupoterapias tradicionais, o CCA não procura trabalhar apenas indiretamente com a superação ou a reorganização lingüístico-cognitiva (isto é, não elege aquelas atividades que seriam rotuladas como “de vida diária” nem se pauta apenas pelo “ambiente sociolingüístico” do sujeito através de programas e estratégias metodológicas fechadas); na realidade, procuramos, ao privilegiar contextos efetivos de produção de sentidos, elaborar e construir o acompanhamento clínico *em conjunto* com nossos sujeitos, e importa muito o fato de que as atividades propostas ou demandadas se situem em meio às práticas significativas efetivamente contingenciadas pela vida em sociedade (não é raro os sujeitos se posicionarem quanto ao andamento do trabalho, trazerem novas perspectivas e orientações quanto ao curso de uma atividade qualquer, convocarem certas urgências que nos escapam, relacionadas com suas dificuldades). Ao colocarmo-nos no papel de seus reais interlocutores (privilegiados, naturalmente, mas interlocutores), não perdemos de vista o caráter interativo e a dimensão discursiva da linguagem. O fortalecimento da autoconfiança ou do auto-respeito é, nesse sentido, uma resposta proporcional à maneira pela qual esses sujeitos se reorganizam como intérpretes de um mundo em que vivem. Como isso se dá *em relação* ao outro e *na relação* com o outro, são as qualidades interativas que, no fundo, podem fazer a diferença no processo de reinserção social (familiar, ocupacional, conjugal, etc.) de sujeitos afásicos.

Em suma, nosso objetivo tem sido o de privilegiar o exercício efetivo das práticas lingüísticas cotidianas e dos processos alternativos de significação de que os afásicos podem lançar mão para se reconstruírem como sujeitos da linguagem e se inserirem, da melhor forma possível, num mundo em que o discurso (e todos os mecanismos que o condicionam) se apresenta como nossa qualidade propriamente humana.

Resumo

O Centro de Convivência de Afásicos (CCA), criado em 1989 por uma ação conjunta do Departamento de Linguística e do Departamento de Neurologia (ambos da Unicamp), está ligado à Unidade de Neuropsicologia e Neurolinguística (UNNE), que congrega docentes e pesquisadores dos dois departamentos, responsáveis tanto pelo acompanhamento clínico-terapêutico de sujeitos cérebrolésados quanto pelas atividades de um espaço de interação entre sujeitos afásicos e não afásicos. Levando em conta que para nós a afasia é uma questão essencialmente discursiva (não meramente uma questão de saúde), todo nosso trabalho no CCA (de pesquisa e de orientação clínica) está voltado para a evocação de experiências socioculturais e para a mobilização de práticas discursivas nelas fundamentadas. Neste texto, procuro explicitar as bases teórico-metodológicas do trabalho que ali desenvolvemos através da exposição dos princípios gerais que regem sua dinâmica e seu funcionamento.

Palavras-chave: afasia, discurso, subjetividade, interação.

Abstract

The Aphasics Conviviality Center (CCA) is the result of a united action involving the Linguistics Department and the Neurology Department at Campinas State University (Unicamp). The Center is part of the Neuropsychology and Neurolinguistics Unity (UNNE), which gathers professors and researchers from both departments. These professionals are responsible for the clinical and therapeutic attendance on brain-stroke subjects and for the activities developed at the Center to promote interaction between aphasic and non-aphasic subjects. Considering that aphasia is essentially a discourse issue for us (not merely a health issue), our work at this Center for research and clinical orientation is mainly interested in sociocultural experience and in mobilizing the discourse practices based on such experience. In this paper, I will try to explain the theoretical and methodological basis of the work developed at the Center through the exposition of the general principles that regulate its dynamics and functioning.

Key-words: aphasia, discourse, subjectivity, interaction.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. (1981). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec.
- BENVENISTE, E. (1974). *Problèmes de linguistique générale II*. Paris, Gallimard.
- FRANCHI, C. (1977). Linguagem – atividade constitutiva. *Almanaque*, 5.
- GERALDI, J.W. (1991). *Portos de passagem*. São Paulo, Martins Fontes.
- MAINGUENEAU, D. (1991). *L'Analyse du discours – Introduction aux lectures de l'archive*. Paris, Hachette.
- _____. (1989). *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, Pontes.
- VION, R. (1992). *La communication verbale – Analyse des interactions*. Paris, Hachette.

Recebido em jun/98; aprovado em ago/98